

Guerra no Golfo atingirá os bolsos dos brasileiros

TONY WINSTON

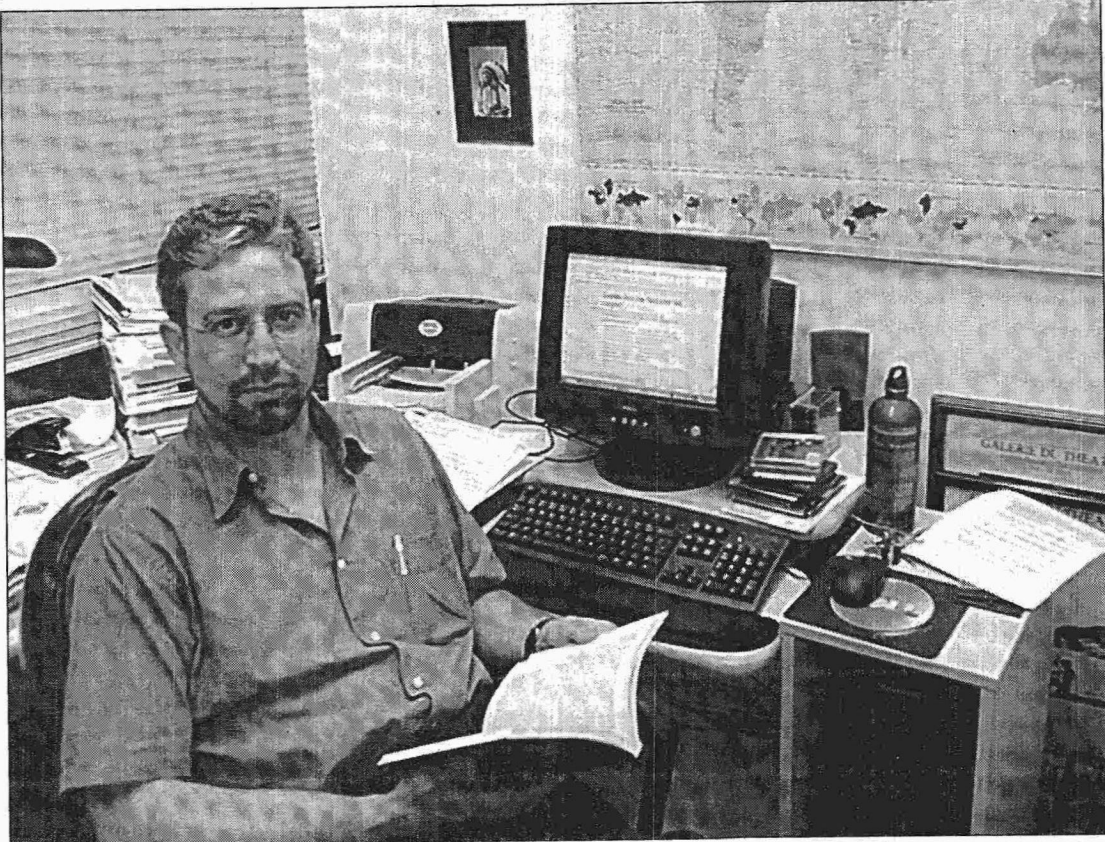
ALTA DO PETRÓLEO E MAIOR CAUTELA DOS INVESTIDORES DO EXTERIOR TENDEM A PREJUDICAR A ECONOMIA DO PAÍS

Márcia Delgado

A guerra entre Iraque e os Estados Unidos terá mais efeitos negativos do que positivos sobre a economia brasileira. Essa é a projeção dos especialistas. O primeiro impacto pode ser o aumento da inflação, provocado pela correção dos preços do petróleo. O conflito pode ainda reduzir as exportações e os investimentos externos no País.

A região do Golfo é grande produtora de petróleo. Com a guerra, haverá uma pressão sobre os preços do produto, forçando sua alta em outros países. Isto aumenta o custo das empresas que podem repassar a conta para o consumidor, forçando a inflação, explica o cientista político Carlos Pio, e professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

O segundo efeito, segundo ele, seria a redução das exportações. Em tempos de guerra, a economia do mundo fica retraída. Com isto, os países compram menos. O problema é se o



CARLOS PIO: alta do petróleo pressionará os custos das empresas e chegarão ao consumidor

Brasil passar a importar mais que exportar, causando um desequilíbrio na balança comercial.

"Se o País reduzir o consumo pode conseguir um equilíbrio entre importação e exportação. Do contrário, terá de usar suas reservas ou pedir dinheiro emprestado para manter a balança", ressalta Pio. O problema é que isto pode aumentar a desconfiança dos investidores estrangeiros, ao verem que o Brasil está abrindo

mão de suas garantias para equilibrar as exportações e importações.

O próprio conflito servirá para inibir os investidores, dizem os especialistas. "Eles terão medo de investir num momento conturbado", ressalta o cientista político. O economista Dércio Garcia Munhoz, também da UnB, confirma que, com a guerra, a tendência é que os investidores e os países criem um mecanismo de defesa, inibindo o consumo

e os investimentos.

As economias mais fortes resistem mais aos abalos. "Elas têm como se defender. Dançam as economias mais fracas", observa, acrescentando que a situação fica mais grave no Brasil por causa da falta de uma política de proteção salarial. O assalariado reduz seu poder de compra cada vez que a inflação sobe e os salários nem sempre são corrigidos nos mesmos níveis inflacionários.